



HISTÓRIA E LITERATURA: MASSACRE DE PINDJIGUITI NA LITERATURA POÉTICA BISSAU-GUINEENSE

Simão Tamba Quadé¹
Galileu Gomes Indi²
Eduardo António Estevam Santos³

RESUMO

Este trabalho busca estabelecer uma relação entre os campos da História e da Literatura, destacando as semelhanças em suas construções narrativas. Focamos na interface entre a narrativa histórica e a literária, com ênfase na história da Guiné Bissau, especificamente o massacre de Pindjiguiti, como um baluarte da nacionalidade guineense. O objetivo deste trabalho é explorar a interseção entre História e Literatura, compreendendo como ambas se relacionam através de suas narrativas, destacando como se entrelaçam na construção de narrativas que moldam a identidade nacional. A História pode inspirar a criação literária, enquanto a Literatura pode servir como fonte para a escrita histórica. A Literatura e a História compartilham características semelhantes, ambas buscando a verossimilhança em suas narrações. Enquanto a narrativa histórica busca a veracidade dos fatos ocorridos em um passado específico, a Literatura, através da ficção e da imaginação, explora as lacunas deixadas pela narrativa histórica devido às limitações metodológicas do campo historiográfico.

Palavras-chave: História-Literatura; Guiné Bissau; Massacre de Pindjiguiti; Vasco Cabral.

UNILAB, IHL - Malês, Discente, simaoquade@gmail.com¹

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, CCSH, Discente, galileugomesindi@gmail.com²

UNILAB, IHL - Malês, Docente, eduardoestevame@unilab.edu.br³

INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país multifacetado em termos étnicos e culturais, constituído por cerca de trinta grupos étnicos. É marcada pela opressão da colonização portuguesa, que abusava de poder. No entanto, muitas formas de resistência surgiram durante este processo de dominação, como o desacato da ordem, a sabotagem e a conservação das línguas.

Dentre essas formas, a resistência de Pindjiguiti se destaca como um marco histórico de transição de uma resistência dissimulada para uma resistência direta. Desse ponto de vista, a obra “Pindjiguiti” pode ser entendido como uma poesia e uma canção de gesta da nação bissau-guineense. Logo após o massacre, durante e após a luta de libertação, o tema de Pindjiguiti era recorrente, nas produções de literatos, poetas e historiadores. Até os dias de hoje, ainda se pode ver a importância desse evento, o que mostra como a sociedade guineense atribuiu um valor vital a esse acontecimento.

O poema Pindjiguiti é da autoria do considerado, segundo Joaquim Eduardo Bessa Costa Leite, “o poeta guineense que mais poemas escreveu durante o período pré-independência, embora só depois da independência, em 1981, os visse publicado na íntegra”. (LEITE. 2014. p29)

Um dos líderes do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC), o poeta Vasco Cabral nasceu em 1926 em Farim - Guiné-Bissau e faleceu em 2005 aos 79 anos em Bissau - foi um escritor e político do seu país. A obra faz parte da Antologia Poética da Guiné-Bissau, publicada no início dos anos 90.

Os fatos históricos constituem mote para a criação e escrita de obras literárias. Sem dúvidas, o mote da lavra poética “Pindjiguiti” consiste em lembrar a memória coletiva dos que ‘se sacrificaram pela causa comum’. A literatura e a história da Guiné-Bissau estão estritamente relacionadas com esse lugar. A escolha do massacre de Pindjiguiti como um exemplo específico é significativa. Este evento é um marco na história da Guiné-Bissau e serve como um ponto de convergência para as narrativas histórica e literária, reforçando a identidade nacional guineense marcada pelas cicatrizes da colonização.

Este estudo é valioso pois reconhece que ambas as disciplinas buscam representar a realidade. E esta interconexão pode enriquecer o estudo cultural que visamos empreender nesta empreitada. Ademais, a transe da história com a literatura na história de Pindjiguiti poderá tornar mais completa a compreensão de diferentes manifestações da nacionalidade guineense presentes na memória individual e coletiva, na história e na literatura. Poucos estudos foram dedicados a explorar a temática da nacionalidade guineense, dos quais a maioria são oriundos do campo da literatura. No entanto, este trabalho promete contribuir de maneira inovadora para os estudos culturais, ao revelar a ligação intrínseca entre a literatura e a história na afirmação da identidade guineense e nas lutas pela libertação nacional na qual o massacre de Pindjiguiti é o trampolim das movimentações revolucionárias que se seguiram aquele episódio.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para este trabalho consiste na análise bibliográfica de panorama geral da literatura guineense para compreender o papel que a história e a literatura desempenham na constituição da identidade nacional da mesma forma tentaremos entender como foi representado o universo simbólico da identidade nacional através das narrativas. A ênfase da análise recai sobre o poema Pindjiguiti de Vasco Cabral. Além disso é imprescindível a leitura de obras literárias e de história, estudos acadêmicos, artigos sobre o massacre de Pindjiguiti. Tratando-se de um estudo interdisciplinar faremos uma análise comparativa cotejando obras literárias e fontes históricas para ver a semelhança no seu escopo.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho está ainda na fase de construção. No entanto, os são resultados parciais e mostram, pelos meandros da literatura e da história, a ligação intrínseca entre a afirmação da identidade guineense com a luta pela causa comum que começou no massacre de Pindjiguiti e desemboca na luta de libertação nacional. Laranjeira (1995) referenciado por Leite (2024), ressalta que no âmbito da literatura, no período da grande guerra de luta para independência nacional, os escritores africanos de língua portuguesa, inspirados pelos filósofos Karl Marx, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, começaram a se concentrar nos temas da revolta e da revolução. É nesse interim que se insere o poema Pindjiguiti do poeta Vasco Cabral.

O poeta Vasco Cabral estruturou sua obra Pindjiguiti em 16 versos e 7 estrofes. Numa escrita simples curta e clara. Ao iniciar a primeira estrofe evoca 3 de agosto de 1959 é a forma mais simples e direta que o poeta encontrou para nos chamar atenção sobre o triste dia dos mártires no cais do Pindjiguiti em Bissau. Para descrever esse evento ocorrido, ele o traça e o compara com a força da natureza que se levanta e provoca estragos incalculáveis. Fazendo referência a chacina dos agressores colonialistas contra o seu povo (marinheiros e estivadores) que reclamam a melhoria das condições de trabalho. Ele escreve para o povo externando o seu sentimento de revolta e de combate. Nesse âmbito, Cabral se identifica com o que o ficcionista e professor Manuel Ferreira nas suas abordagens em “Literaturas africanas de expressão portuguesa” ordena e denomina de terceiro momento das escritas dos escritores africanos:

é aquele em que o escritor adquire a consciência nacional de colonizado. Liberta-se, promovendo um pensamento dialético entre raízes profundas e coibição de sujeição colonial. A prática literária enraíza-se no meio sociocultural e geográfico: é a desalienação e o discurso da revolta.

Neste sentido, Pindjiguiti de Vasco Cabral, quando bem situado, constitui fonte histórica de um momento específico e determinante da história de nação bissau-guineense. Sem embargo, o massacre de Pindjiguiti foi o estopim do início da luta de libertação nacional. Com o acontecido de Pindjiguiti, a história e a literatura da Guiné Bissau sofreram mudanças significativas na forma de sua feição e na sua tessitura.

CONCLUSÕES

O caso de massacre de Pindjiguiti que aconteceu no dia 3 de agosto de 1959 no porto de Bissau em que foram mortos mais de 5 dezenas de funcionários, estivadores e marinheiros, e mais de uma centena de feridos que protestavam contra o baixo salário exigindo o aumento salarial sob a ameaça de paralisação completa originou ou pelo menos deu novo impulso a mobilização para luta armada.

Muitos estudos sobre história de Pindjiguiti têm explorada a memória dos sobreviventes. No entanto, o que não conseguiu ser revelado ou registrado na história oficial pela limitação do campo historiográfico tem aparecido nos estudos memorialísticos e nas obras literárias de maneira original e privilegiada. Acreditamos que associar história e literatura de maneira interdisciplinar pode enriquecer o universo de significado que queremos explorar pois a Literatura visa resgatar aspectos da experiência humana que podem não ser capturados pelos métodos historiográficos tradicionais.

Portanto, pode-se dizer que os poemas que tiveram como mote o massacre de Pindjiguiti são canções da nação que estava na gestação. O evento de Pindjiguiti é uma história de resistência, de denúncia e de contestação que vai tomar novos contornos na luta de libertação e atingiu o auge com o florescimento da independência.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos profundamente o professor Eduardo António Estavam Santos por aceitar o convite para orientar a feitura deste trabalho e dedicação na revisão bibliográfica e discussão conceitual. Agradecemos a UNILAB e a UFSM que nos deram oportunidade de fazer pesquisas no âmbito da pós-graduação. Agradecemos a comissão avaliadora por acolher este trabalho para sua apresentação na Semana Universitária. Agradecemos pela consideração e pelas sugestões.

REFERÊNCIAS

ROSA, Manuel Ferreira. A escola para Angola: Lema escola diferente. In: Ultramar, Vol. V, nº 2 (4º trimestre 1964), p. 28/43.

LEITE. Joaquim Eduardo Bessa da Costa. A literatura guineense: Contribuição para a identidade da nação. Tese de Doutoramento. Universidade de Coimbra. 2014

FERREIRA, Antonio Sérgio. Relações entre literatura x história. Diálogos acadêmicos. Volume 1 - Número 1. Edição Outubro/Janeiro de 2010

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. Novo Mundo Mundos Novos. Débats, 2006.

SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. Entre A História e A Literatura: As Múltiplas Letras, Os Múltiplos Tempos, Os Múltiplos Olhares Em Graciliano Ramos.

AUGEL. Moema Parente. O desafio de escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné Bissau. Garamound. Rio de Janeiro 2007